

Educomunicação e narrativas: perspectivas e abordagens teóricas, metodológicas e empíricas na produção científica do campo de interface¹

Hericley SEREJO-SANTOS²

Vânia Maria Torres COSTA³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O objetivo deste artigo é identificar e problematizar as perspectivas e/ou abordagens teóricas, metodológicas e empíricas na produção científica do campo da Educomunicação que estabelecem interface com Narrativas. A partir do Portal de Periódicos da Capes, sob o prisma epistemológico da Teoria Fundamentada e ainda considerando discussões desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Narramazônia, analisamos 25 trabalhos que nos levaram à constatação de que a narrativa se configura como uma relevante categoria para os estudos em Educomunicação por permear todo o processo de idealização, desenvolvimento, materialização e reverberação das práticas educacionais, apontando para a demanda por aprofundamentos e problematizações que nos levem a melhor compreender a interface entre ambas as categorias.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; metodologia; narrativa; Narramazônia.

DE INQUIETAÇÕES EMPÍRICAS À INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

O protagonismo presente na apropriação das linguagens e técnicas comunicacionais, impresso na diversidade de produtos midiáticos produzidos a partir de práticas educacionais, traz consigo, como reflexo das mediações culturais e múltiplas (MARTÍN-BARBERO, 1997; OROZCO GÓMEZ, 2014) em que estão imersos, uma interessante tessitura narrativa. São as histórias que permeiam a existência dos sujeitos e sujeitas que participam dessas práticas, histórias nas quais estão contextualizadas suas experiências e percepções da realidade, que orientam o processo de desenvolvimento dos projetos educacionais e seus resultados, quando sustentados pela dialogicidade e autonomia freiriana (FREIRE, 1987; SOARES, 2011; ALMEIDA, 2016; KOFFERMANN, 2018). É o que temos compreendido no percurso de análise de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Relações públicas no Instituto Federal do Pará (IFPA), e-mail: contato@hericleyserejo.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e-mail: vaniatorres@ufpa.br.

diferentes materialidades oriundas de práticas educomunicativas protagonizadas por jovens comunicadores indígenas (SEREJO-SANTOS; COSTA, 2022a; SEREJO-SANTOS; COSTA, 2022b) motivados, sobretudo, pelas discussões que desenvolvemos no Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia), da Universidade Federal do Pará (UFPA) em parceria com a Universidade da Amazônia (Unama).

Em um de nossos encontros, no primeiro semestre de 2023, enquanto compartilhávamos experiências sobre a aplicação metodológica da narrativa nas investigações desenvolvidas pelo Grupo, percebemos a pluralidade das perspectivas e abordagens adotadas por diferentes autores e autoras que buscam trazer da reflexão abstrata de referências cânones como Paul Ricouer (1987, 2010) a análise pragmática de narrativas (MOTTA, 2013; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008) que constituem o nosso existir no mundo.

Ao nos voltar para a Educomunicação, surgiram interessantes questionamentos que nos levaram a buscar no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) produções localizadas na interface entre esses dois campos de estudo. Que relações se estabelecem entre Educomunicação e Narrativa nas produções científicas e sob qual profundidade teórica e/ou metodológica? É a partir desta questão central que analisamos, sob o prisma epistemológico da Teoria Fundamentada (STRAUSS; CORBIN, 2008), os artigos indicados no resultado da busca pelas palavras-chave “Educomunicação” e “Narrativa” na plataforma, com o objetivo de identificar e problematizar as perspectivas e/ou abordagens teóricas, metodológicas e empíricas na produção científica do campo da Educomunicação que estabelecem interface com Narrativas.

É importante ressaltar que, orientados por uma perspectiva decolonial, que questiona e problematiza a lógica da colonialidade sobre os corpos, mentes e estruturas sociais, culturais, econômicas, políticas e epistemológicas de povos historicamente subalternizados pelas sociedades europeias, em especial, nós latino-americanos (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017), e ainda cientes de uma colonialidade interna que põe à margem os saberes oriundos de outras regiões do país que não estejam no eixo Sul e Sudeste (GROSFOGUEL, 2009), partimos teoricamente de contribuições de produções científicas desenvolvidas na Amazônia (COSTA; NUNES; COSTA, 2022). Compreendemos, dessa forma, a indissociabilidade deste trabalho às mediações culturais

e múltiplas nas quais estamos imersos, fortemente constituídas por saberes e cosmovisões que caracterizam e constituem nossas identidades.

PROVOCAÇÕES TEÓRICAS

Debruçamo-nos sobre as categorias Educomunicação e Narrativa, relacionando questões que nos são caras enquanto sujeitos amazônidas a contribuições teóricas canônicas, e selecionando para as discussões aquelas que emergem de nossos territórios, em um movimento simbólico de ocupação do âmbito epistêmico de ambos os campos de estudo.

Temos defendido em trabalhos recentes, no intuito de problematizar e compreender as práticas educacionais e os produtos midiáticos construídos articuladamente por jovens comunicadores indígenas da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), o protagonismo das populações amazônidas tanto na produção científica quanto na ressignificação da *praxis* localizada na interface entre Educação e Comunicação (SEREJO-SANTOS; COSTA, 2022a; SEREJO-SANTOS; COSTA, 2022b; SEREJO-SANTOS; COSTA, 2023a; SEREJO-SANTOS; COSTA, 2023b).

Consideramos que são propostas reflexivas e contribuições epistemológicas iniciais que partem de interessantes hipóteses percebidas no percurso já trilhado. Nosso olhar tem como prisma a lógica da colonialidade (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017; GROSGOUEL, 2009), que questiona os atuais padrões ocidentais de beleza, sexualidade, fé, civilidade, cientificidade, prosperidade, desenvolvimento, sustentabilidade, dentre tantas outras questões que atravessam nossas relações consigo, com o outro e com a natureza e que encontram-se na base de problemáticas como o racismo, a misoginia, a LGBTFobia, a subalternização de saberes e a imposição desenvolvimentista sobre regiões como a Amazônia, apenas exemplificando brevemente a reverberação do violento processo de colonização que sofremos do Velho Mundo e que ainda hoje reproduzimos e somos vítimas na sociedade brasileira.

O amadurecimento epistemológico do paradigma da Educomunicação, apesar de fortemente constituído sob produções científicas que se concentram no eixo Sul e Sudeste do país (MESSIAS, 2014), deixando escapar pelos dedos, ou não valorizando de forma suficiente, discussões advindas de outras regiões que poderiam substancialmente

contribuir com o campo, desde suas hipóteses iniciais (SOARES, 1999) tem ratificado premissas basilares na concepção teórico-prática de seus conceitos.

Sem ignorar a importância de esforços em se propor estruturas de práticas e projetos educacionais, como as concebidas por Almeida (2016) e Koffermann (2018), que inclusive muito nos ajudam a idealizar a materialização da Educação interessadas na temática, seja em eventos científicos ou em formações profissionais, que tanto a ação da processualidade⁴ das mediações culturais e múltiplas (MARTÍN-BARBERO, 1997; OROZCO-GÓMEZ, 2014; CONSANI, 2018) quanto as constantes mudanças tecnológicas e as problemáticas que trazem consigo, como aquelas relacionadas ao acesso e à comercialização de dados pelas plataformas digitais (MEJÍAS; COULDRY, 2019), têm voltado a nossa atenção para a relação da (1) apropriação das linguagens e técnicas comunicacionais com (2) os conceitos-chave: (a) intencionalidade pedagógica, (b) dialogicidade, (c) participação ativa e (d) protagonismo no percurso de construção de ecossistemas (edu)educacionais.

Tais ecossistemas, de forte relação semântica à interdependência apreendida da Ecologia, podem ser considerados como ambiências formadas por agentes mediadores, pelas práticas educacionais idealizadas, resignificadas e produzidas a partir de seus próprios contextos culturais, sociais, políticos e econômicos, bem como pelas materialidades comunicacionais geradas e pelos fluxos de circulação e reverberação das vozes que nelas imprimem (SOARES, 1999; MARTINI, 2019).

Compreender a Educação a partir da reprodução de conceitos previamente construídos por estudiosos do campo, a nosso ver, não tem a mesma profundidade do que entender o que efetivamente representa a combinação desses conceitos-chave para que os ideais de transformação social, política, cultural e econômica sejam plenamente alcançados, sob a inspiração precursora da vida e obra de Paulo Freire (1987).

Ousamos afirmar que, na realidade material, a demarcação de uma prática como educacional serve muito mais para fins epistemológicos, de conformação da *práxis* à delimitação teórico-descritiva, do que às finalidades da própria Educação. E essa

⁴ A partir da compreensão sobre a mediação como processo que emerge da interação de agentes mediadores e que conta com elementos advindos de múltiplos aspectos da identidade desses agentes e do contexto em que se encontram, temos notado em nossas pesquisas que, mais que o processo, é a processualidade, apreendida enquanto lógica, que pode nos ajudar a construir uma concepção da mediação que melhor expresse a ideia que apreendemos das discussões teóricas sobre a categoria. Uma construção conceitual que está em andamento e que tende a amadurecer ao longo de nosso processo investigativo.

foi uma provocação que emergiu da nossa intenção de compreender como a Amazônia e suas especificidades sócio-histórico-político-culturais caracterizam as práticas educacionais protagonizadas na região (SEREJO-SANTOS; COSTA, 2022c).

No levantamento que fizemos de artigos, dissertações e teses produzidas na Amazônia, desde que iniciamos nosso percurso investigativo, e partindo ainda de nossas experiências, o que percebemos é que há uma pluralidade no modo de se efetivar a interface entre Educação e Comunicação sob a perspectiva da Educomunicação, que não depende exclusivamente de uma estrutura delimitadora, mas é guiada pelo comprometimento em se ancorar aos sentidos que circundam esses conceitos-chave, mesmo que os agentes de tais práticas desconheçam teoricamente o que é Educomunicação para o grupo de pesquisadores e pesquisadoras que a investigam; o que nos leva a compreender a *práxis* educacional enquanto fenômeno social, integrado, entretanto, à dialética histórica e às complexidades contextuais de seus agentes.

Dessa forma, baseados em Soares (1999, 2011), compreendemos as práticas educacionais enquanto conjunto de ações: (a) realizadas no intuito de promover, a partir do envolvimento de linguagens e técnicas comunicacionais (não restritas ao uso de tecnologias da informação), o ensino e aprendizagem (intencionalidade pedagógica) referente a conhecimentos que sejam de mútuo interesse e/ou que estejam diretamente relacionados à vida e a necessidades dos agentes envolvidos; (b) baseadas em uma interação dialógica (dialogicidade), onde todos e todas contribuem, de alguma forma, com o alcance dos objetivos coletivamente definidos, em um contínuo processo de negociação de sentidos e de narrativas que priorizam o bem comum; (c) conduzidas a partir da participação ativa daqueles e daquelas que se propuseram a contribuir, de modo a valorizar a complementaridade de experiências e capacidades; (d) e pautadas na plena consciência sobre as intencionalidades que as motivam e sobre o compartilhamento de responsabilidade pelos resultados almejados (protagonismo).

No ímpeto de estabelecer aproximações teórico-metodológicas entre a Educomunicação e a Narrativa, e considerando as discussões que buscamos realizar sobre a narratividade amazônica, compreendemos ser nos processos de dialogicidade que permeiam (ou deveriam permear) as práticas educacionais, na interação consigo e com o que envolve os agentes dessas práticas, que a Narrativa se apresenta como uma interessante categoria de múltiplas perspectivas, conforme os resultados deste trabalho

exemplificam, sobre as quais a compreensão se demonstra capaz de potencializar as chances de se efetivar plenamente as mudanças e transformações almejadas.

Narrar é uma ação humana por meio da qual nós (re)significamos o mundo e construímos nossas próprias identidades (MOTTA, 2013; COSTA; NUNES; COSTA, 2022). Chamamos de narrativas o conjunto das histórias que contamos e que nos contam cotidianamente, por meio das mais diversas linguagens e materialidades, sobre tudo o que apreendemos da nossa existência, histórias que estão presentes em todas as relações que estabelecemos em sociedade, estruturadas sob uma trílice temporalidade (RICOEUR, 2010), que flui do passado ao futuro, ou vice-versa, de forma dinâmica e não linear, no contínuo esforço de produção de sentidos (COSTA; NUNES; COSTA, 2022).

Se, aparentemente, sob uma perspectiva ontológica, a compreensão sobre narrativa pode parecer simples, as reflexões filosóficas e conceituais de estudiosos a complexifica, sobretudo quando a atenção se volta a elementos adjacentes. Questionamentos e argumentos relacionados à autoria, à ordem das ações ou acontecimentos, às motivações e intenções envolvidas, ao papel do contexto na formatação do conteúdo, ao acesso e consumo dos interlocutores e à estrutura que a compõe são capazes de indicar a profundidade que tais reflexões podem apresentar.

Diante de tantas discussões possíveis, destacamos brevemente neste trabalho algumas provocações teóricas que têm movimentado os encontros do Narramazônia, relacionadas principalmente às problemáticas da interpretação e do tempo narrativo.

Enquanto fenômeno social, fruto da interação de agentes ativos, a narrativa passa por um intrigante processo de transformação até chegar a sua materialização, semanticamente momentânea por estar sujeita a uma contínua “atualização do discurso” (RICOEUR, 1987, p. 38). Dotada de intencionalidade, o primeiro momento de produção da narrativa, se seguimos Ricoeur (1987), encontra-se na exteriorização da intenção do sujeito, o que dependerá diretamente de suas habilidades com as linguagens e com outras estratégias para manter os sentidos a serem apreendidos o mais próximos possível de seu significado autoral. Na triangulação entre a intenção, o dito e a leitura da narrativa, Ricoeur (1987) discute a interpretação sob a dialética entre evento e significação, compreendendo o primeiro como o ato de fala em si, localizado no tempo e no espaço; a dialética estaria na relação entre a autoria semântica do discurso materializado na narrativa textual e a disputa de sentido no processo de apropriação realizado pelo leitor.

O tempo corresponde a outra categoria objeto de reflexão nas discussões sobre narrativa. Para Motta (2013), a narrativa apresenta início, meio e fim, e mesmo que se esteja tratando de narrativas jornalísticas sobre fatos ou casos não concluídos, sempre haverá uma demarcação temporal. Ioris (2011), por outro lado, ao discorrer sobre narrativas indígenas que buscam unir fragmentos dispersos em temporalidades distintas para reafirmar identidades étnicas, evidencia que, para esses povos, vítimas de narrativas hegemônicas que sobrepuseram suas histórias de vida e existência, a definição ou delimitação dessas partes pode incorporar outras complexidades por nem sempre corresponderem à realidade material: o início pode não ter sido o começo, e quem sabe o fim seja apenas a retomada de um outro modo de existir.

O tempo, para Paul Ricoeur (2010, p. 9), não corresponde especificamente à quantificação em horas, dias ou anos, ele é narrativo, exposto na obra narrativa, e “se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa”. Apoiado no Livro XI das Confissões de Santo Agostinho, Ricoeur traça na obra Tempo e Narrativa (2010) uma interessante reflexão filosófica sobre o tempo, dentre a qual destacamos a tríplice perspectiva que o leitor ou ouvinte estabelece com a narrativa ao presentificar a ação narrada: o passado (memória) e o futuro (expectativa) se tornam presente tanto quanto o presente do evento, seja em relação à autoria semântica (o momento e o contexto em que a narrativa é produzida pelo autor), seja referente ao momento de consumo e apropriação da narrativa pelo leitor.

Enquanto produto da interação social, a narrativa assume formas diversas, materializando-se na literatura, na produção audiovisual e na hipertextualização de conteúdos digitais, e se configura em mediação (COSTA; NUNES; COSTA, 2022) no processo de compreensão dos fenômenos sociais que apresentam a relação do homem consigo, com o outro e com o mundo. Nesse sentido, citamos a análise pragmática de narrativas, proposta por Motta (2013), bem como a metodologia de entrevista narrativa de Jovchelovitch e Bauer (2008), que nos apontam possíveis caminhos metodológicos para a compreensão das narrativas, suas estruturas e os sentidos que intencionam, despertam e fazem circular.

É a partir do olhar atento aos enlaces entre Educomunicação e Narrativa que nos dispomos ao desafio de identificar e caracterizar como a relação das duas categorias aparecem na produção científica dos últimos 12 anos, conforme evidenciamos nos resultados a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para definir o *corpus* de análise deste trabalho, pesquisamos as palavras-chave “Educomunicação” e “Narrativa” no Portal de Periódicos Capes, em busca simples, realizada em 24 de abril de 2023. Dos 28 textos apresentados pela plataforma, analisamos efetivamente 25 artigos científicos, publicados no período de 2010 a 2022; dos três que não integraram nosso escopo, dois estavam indisponíveis e um repetido em idiomas distintos.

Partindo da premissa de uma metanarrativa, em sentido metalinguístico, por meio da qual poderíamos encarar nosso texto enquanto narrativa científica destinada a apresentar problemáticas observáveis, contextualizá-las, compartilhar resultados e o percurso trilhado para alcançá-los, todo o nosso enredo é orientado, principalmente, pelos elementos que o objeto de estudo nos apontou, sob o prisma epistemológico da Teoria Fundamentada.

De acordo com Strauss e Corbin (2008, p. 17), a Teoria Fundamentada é uma metodologia, “uma forma de pensar sobre a realidade social e de estudá-la”. Para o autor e autora, essa perspectiva é destinada a pesquisas qualitativas em que os resultados não seriam alcançados de forma satisfatória exclusivamente por meio de técnicas de quantificação, demandando análise interpretativa dos dados para a obtenção de respostas aos problemas de pesquisa, “com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esses conceitos e relações em um esquema explanatório teórico” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 24).

Como o próprio nome sugere, essa Teoria diz respeito ao esforço investigativo de originar teorias dos próprios dados, os quais são coletados e analisados sistematicamente sem a pretensão de confirmar outras teorias (a menos que isso esteja entre os objetivos do trabalho). Sob a contínua interação entre os dados, o pesquisador/a e sua criatividade, ela possibilita o desenvolvimento de discernimentos mais próximos da “realidade” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 25). Entretanto, vale ratificar a reflexão de Kelle (2008) a respeito da Teoria Fundamentada, o qual chama a atenção para o amparo do percurso analítico aos referenciais teóricos previamente consultados, em um contínuo movimento investigativo entre teoria, metodologia e empiria para constituir um todo narrativo.

Cada texto foi submetido a uma leitura flutuante, na procura por sentidos que circulavam ao redor das duas palavras-chave. Os fragmentos que se destacaram por

estabelecerem uma relação entre si e, paralelamente, aos pressupostos teóricos em que nos baseamos foram estruturados em uma planilha no software Excel e classificados sob categorias empíricas que emergiram de nossas observações e compreensões sobre as abordagens e/ou perspectivas adotadas pelos autores e autoras, o que Kelle (2008) nomeia de “tipologias descritivas”. Tais categorias foram organizadas em uma Matriz Geral de Classificação de Dados (QUADRO 1), conforme as orientações de Oliveira (2010) e Creswell (2007).

QUADRO 1 – Matriz Geral de Classificação de Dados

Categoria Teórica (CT)	Categorias Empíricas (CE)	Incidência
Educomunicação (CT1)	Abordagem epistemológica (CE1)	7
	Abordagem interdisciplinar (CE2)	4
	Abordagem metodológica (CE3)	8
	Abordagem ideológica (CE4)	3
Narrativa (CT2)	Materialidade observável (CE5)	13
	Narrativa enquanto estrutura (CE6)	6
	Técnica intencional (CE7)	7
	Perspectiva ontológica (CE8)	7
Relação entre Educomunicação e Narrativa (CT3)	Relação estratégica (CE9)	3
	Relação estruturante (CE10)	2
	Relação Metodologia x resultado (CE11)	11

Fonte: elaborado pelos autores com base em Oliveira (2010).

Apesar do caráter predominantemente qualitativo da investigação, foi a quantidade de incidência das categorias que nos levou à decisão sobre quais seriam discutidas neste artigo. É importante destacar que, dentre os resultados apresentados pela Plataforma, seis artigos apenas citavam os termos “Educomunicação” e “Narrativa”, sem profundidade teórica e/ou metodológica sobre as categorias ou possíveis relações entre elas, algo que atribuímos tanto ao desempenho e eficiência do mecanismo de busca do Portal de Periódicos Capes, quanto à característica própria dos trabalhos, orientados principalmente por suas problematizações e objetivos.

Antes que se pressuponha juízos de valor sobre o rigor científico desses textos, é importante evidenciar que, apesar de envolver as duas categorias teóricas, nem sempre o objeto de estudo e as questões que motivam a investigação demandam um detalhamento conceitual de todos os termos que compõem as discussões, apesar de acreditarmos que, diante da comum polissemia de muitos deles, seja indispensável esclarecer a quem lê sobre de que perspectiva parte a abordagem teórica ou metodológica assumida. Ademais,

vale considerarmos que tais publicações são de periódicos destinados a determinados campos de estudo, o que em alguns casos exige a autoria de aprofundar conceitos já conhecidos por aquela comunidade científica.

UMA INTERFACE REAL, APESAR DE TÍMIDA

Das categorias empíricas (CE) identificadas na categoria teórica Educomunicação (CT1), percebemos que os autores e autoras dos textos priorizaram uma Abordagem Epistemológica (CE1), compreendendo-a "como campo teórico e conjunto de vertentes prática" (BARI; FERREIRA, 2017, p. 31), e contribuindo com diferentes discussões a ponto de utilizar o interessante neologismo "*Educomunicologia*" (NARVÁEZ-MONTOYA, 2019) que, até então, desconhecíamos e que pode abrir o horizonte para outras problematizações teóricas. Notamos ainda uma Abordagem Interdisciplinar (CE2) da Educomunicação em interface com outros campos, como o Socioambiental (HIDALGO; FREITAS, 2019) e a Saúde (SANTI; ARAÚJO, 2022).

Fortemente marcada pelas práticas e produtos midiáticos que gera, a Educomunicação conta nesses textos com uma relevante Abordagem Metodológica (CE3) que a caracteriza enquanto "processo de aprendizagem de estratégias comunicativas" (BAPTAGLIN, 2021, p. 98), um processo meio que, ora encontra-se entre a obra e o sujeito-autor, ora entre a obra e quem a consome para educá-la.

A base freiriana aparece nos textos a partir de uma Abordagem Ideológica (CE4) voltada para a construção de uma sociedade melhor, que reconheça a diversidade para acolher os marginalizados (BAPTAGLIN, 2021), configurando-se como um ato de resistência, de usufruto da cidadania e empoderamento dos jovens (KETZER; ROSA, 2019).

Na categoria teórica Narrativa (CT2), sobressaiu a perspectiva que a aborda enquanto Materialidade Observável (CE5) passível de análise por ser gerada pela ação humana e vinculada a múltiplas interpretações (BAPTAGLIN, 2021), podendo se constituir, inclusive, em estratégia para a elaboração de políticas públicas (DALLANORA; SATO, 2020).

Os autores e autoras também trataram a narrativa como parte Estruturante (CE6) da Educomunicação, uma categoria que estaria junto à discursividade (NARVÁEZ-MONTOYA, 2019), composta por elementos que se justificam por intencionalidades (PINTO; COSTA, 2016) de apresentar algo ou uma informação a alguém (ALMEIDA et

al, 2020). Em incidência equivalente e sob lógica semelhante, a narrativa é abordada enquanto Técnica Intencional (CE7) (BARI; FERREIRA, 2017), como produto da interação dos sujeitos com as tecnologias da informação a partir do processo de apropriação e ressignificação (PINTO; COSTA, 2016), um resultado material da prática educacional (RODRIGUES, 2013). Tal intencionalidade é problematizada ainda no campo simbólico de disputas de poder, como discorre Santi e Araújo (2022, p. 304): "toda narrativa (...) expressa poder – trabalha com um objetivo a ser alcançado (...) quem controla a narrativa jornalística, potencialmente, controla a sociedade".

Baseados em Dalla-Nora e Sato (2020), percebemos que a narrativa se constitui em um interessante elemento das mediações culturais e múltiplas para fundamentar a elaboração de práticas educacionais alinhadas à realidade e aspirações dos sujeitos envolvidos; em outras palavras, a narrativa imprimiria ou projetaria importantes mediações para a compreensão do contexto dos interlocutores.

Em consonância a discussões primárias sobre a narrativa (RICOUER, 1987; 2010; MOTTA, 2013; COSTA; NUNES; COSTA, 2022) que sustentam a relevância sociocultural da categoria, os autores também adotam uma Perspectiva Ontológica (CE8) que a posicionam enquanto fenômeno humano (HIDALGO; FREITAS, 2019), a ação de contar histórias (PINTO; COSTA, 2016) por meio das quais produzem a realidade e constroem a si próprios (MENDOZA; ROA, 2014).

A relação entre Educação e Narrativa (CT3) apareceu nos textos de três formas. A primeira caracterizamos como uma Relação Estratégica (CE9), onde a narrativa é vista como objeto da prática educacional por ser um dos meios que possibilita o alcance dos objetivos definidos, como a leitura crítica de determinado conteúdo (BARI; FERREIRA, 2017), e pela qual é possível exercer resistência diante do que é imposto hegemonicamente (LUIZ; SATO, 2022).

A segunda relação nomeamos Estruturante (CE10), por percebermos a narrativa como parte constituinte do processo educacional, desde a idealização até os resultados das iniciativas, oportunizando aos sujeitos a materialização de suas próprias narrativas a partir de produtos midiáticos (BAPTAGLIN, 2021). Nessa relação, entretanto, a dependência é unidirecional, uma vez que a narrativa pode ser gerada sem a necessidade do desenvolvimento dos processos da Educação, mas o contrário é impossível, visto que narrar é inerente ao processo de construção do conhecimento e da existência do homem, conforme ratificam Hidalgo e Freitas (2019).

E, por último, identificamos uma relação entre Metodologia e Resultado (CE11), na qual as práticas educomunicativas se apresentam como percurso metodológico para a geração de narrativas outras (ALMEIDA et al, 2020) que Ketzer e Rosa (2019) chamam de “contranarrativa”. Estas são encaradas ainda como substrato pelo qual é possível observar, analisar e criticar os resultados de processos educomunicativos (BAPTAGLIN, 2021).

NA DIREÇÃO QUE O FAROL APONTA

Diante da análise dos artigos localizados pelo Portal de Periódicos Capes, constatamos que a narrativa se configura como uma relevante categoria para os estudos em Educomunicação, pois permeia todo o processo de idealização, desenvolvimento, materialização e reverberação das práticas educomunicativas, apontando para a demanda por aprofundamentos e problematizações que nos levem a melhor compreender a interface entre ambas as categorias.

As relações entre Educomunicação e Narrativa que identificamos evidenciam não apenas a versatilidade dessa interface, mas potenciais contribuições de caráter epistemológico, metodológico e empírico, por incitarem reflexões diversas sobre os sentidos que os termos assumem em diferentes contextos, apontarem distintas formas de desenvolvimento de práticas educomunicativas sob olhar atento às narrativas circundantes e proporcionarem aprendizados diversos a partir das vivências. Algo que temos experienciado ao adotarmos a narrativa enquanto categoria norteadora em nossas pesquisas, o que tem se mostrado, a partir do entendimento que expressamos brevemente neste trabalho, um interessante percurso para a discussão, problematização e compreensão de práticas educomunicativas e da reverberação de seus resultados na vida e existência daqueles que as protagonizam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisco Sidney Souza; MOURA, Anáisa Alves de; SOARES, Stela Lopes; LEITÃO, Hamilton Vale; VIANA, Thiago Mena Barreto. Mídias digitais no ensino do jornalismo como ferramenta interativa. **Educa - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 44-61, jan./dez., 2020. Disponível em: <https://bit.ly/43uaWKU>. Acesso em: 01 jun. 2023.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande, PB, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3iVpuvI>. Acesso em: 08 jun. 2023.

BAPTAGLIN, Leila Adriana. Educomunicação nos movimentos artísticos urbanos venezuelanos: Muraleja, Urbano Aborígen e Ksa La Tribu. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 94 - 106, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/43OJ2ZA>. Acesso em: 25 mai. 2023.

BARI, Valéria Aparecida; FERREIRA, Shirley dos Santos. Apropriação da leitura literária por meio das histórias em quadrinhos: prática da educomunicação. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 5, n. 2, p. 29 – 40, fev. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/42yVITn>. Acesso em: 29 mai. 2023.

CONSANI, Marciel Aparecido. Mediação Tecnológica na Educação: Os Aportes Teóricos e Práticos da Educomunicação para a Educação a Distância. **Rev. Grad. USP**, v. 3, n. 1, p. 59-65, jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3JD79To>. Acesso em: 29 jun. 2023.

COSTA, Alda Cristina; NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Maria Torres. **Narr'Amazônia**: modos de ser e estar no mundo. 1 ed. Belém, PA: Editora Folheando, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/EbookNarrAmazonia2022>. Acesso em: 25 mai. 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DALLA-NORA, Giseli; SATO, Michèle. Brisas, ardências e sonhos de pescadores da Galícia - Espanha. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Rio de Janeiro, n. esp., p. 163-179, jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/43KRWaI>. Acesso em: 02 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HIDALGO, Rachel; FREITAS, José Vicente de. A memória socioambiental na narrativa fílmica: exercício de leitura interpretativa para educomunicação socioambiental. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, São Cristóvão, v. 7, n. 2, p. 34 – 45, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/42th6cL>. Acesso em: 02 jun. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 41-91, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2IkXzs7>. Acesso em: 11 jan. 2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90-113.

KELLE, Udo. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 393-415.

KETZER, Araciele Maria; ROSA, Rosane. “De tanto poupar em educação, ficaremos ricos em ignorância”: contranarrativas juvenis no movimento de ocupação de escolas no Rio Grande do Sul. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 44, p. 120-143, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/42nO6TS>. Acesso em: 22 mai. 2023.

KOFFERMANN, Marcia. **Como sistematizar um Projeto Educomunicacional?** 1ª Ed. Brasília: Edebê Brasil, 2018, 16p.

LUIZ, Thiago Cury; SATO, Michèle. Educomunicação socioambiental no quilombo Mata Cavalos: narrativas e resistências de uma comunidade tradicional mato-grossense. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 61-72, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3NgRcVo>. Acesso em: 28 mai. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENDOZA, Miguel Ezequiel Badillo; ROA, Omar Gerardo Martínez. Educomunicación y medio ambiente: en la búsqueda y construcción de fissuras. **Revista de Investigación Agraria y Ambiental**, Bogotá, v. 5, n. 1, p. 255-270, enero/junio, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3J5cvXn>. Acesso em: 03 jun. 2023.

MEJÍAS, Ulises A.; COULDRY, Nick. Colonialismo de datos: repensando la relación de los datos massivos con el sujeto contemporáneo. **Virtualis**, v. 10, n. 18, p. 78-97. Disponível em: <https://bit.ly/46rQVX4>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MESSIAS, Cláudio. O construto epistemológico da Educomunicação na perspectiva da cultura: reflexões complementares ao trânsito senso comum-saber científico na constituição do novo campo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 37, 2014, Foz do Iguaçu, PR. **Anais** (on-line). Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3lbo6pP>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1 – 18, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3wkin8Y>. Acesso em: 02 jan. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NARVÁEZ-MONTOYA, Ancízar. Comunicación educativa, educomunicación y educación mediática: una propuesta de investigación y formación desde un enfoque culturalista. **Palabra Clave**, Bogotá, v. 22, n. 3, p. 1 - 30, jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/42os1Ex>. Acesso em: 20 mai. 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OROZCO-GÓMEZ, Guilherme. **Educação**: recepção midiática, aprendizagens e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.

PINTO, Samira Almeida; COSTA, Maria Cristina Castilho. Desafios e possibilidades educacionais na produção editorial e na mediação de livros-aplicativos. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 85-95, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3NfhF5D>. Acesso em: 28 mai. 2023.

QUEM SOMOS. **Narramazônia**, 2017. Disponível em: narramazonia.wordpress.com/sobre. Acesso em: 24 jun. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 9 – 31, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3fnkD9y>. Acesso em: 02 jan. 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Vol 1: a intriga e a narrativa histórica. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Trad. Arthur Mourão. 70 ed. Lisboa: Texas Christian University Press, 1987.

RODRIGUES, Adriana Alves. Jornalismo e educomunicação: a produção de narrativas multimídia no ensino-aprendizagem. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 17, p. 93-108, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3oSs2Dc>. Acesso em: 22 mai. 2023.

SANTI, Vilso Junior Chierentin; ARAÚJO, Bryan Chrystian. Comunicação e saúde: a experiência do Amazoom nas ações de combate à desinformação sobre arborvíroses em Roraima. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 298-316, abr.-jun. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3MVAvgX>. Acesso em: 23 mai. 2023.

SEREJO-SANTOS, Hericley; COSTA, Vânia Maria Torres. A interculturalidade de saberes em narrativa indígena sobre o combate à covid-19. In: BRITO, Regina; CAPOANO, Edson; SOUSA, Vitor de (Org.). **Identidade, lusofonia, interculturalidade, comunicação**: interfaces. São Paulo, SP: Líquido Editorial e Consultoria, 2022a, p. 125-146.

SEREJO-SANTOS, Hericley; COSTA, Vânia Maria Torres. A interface entre educação indígena e tecnologias em narrativas de mulheres indígenas. In: Anais do 10º Compolítica, 2023, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza, 2023a. Disponível em: <https://bit.ly/3XumFa5>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SEREJO-SANTOS, Hericley; COSTA, Vânia Maria Torres. Ninguém será por nós sem ser nós mesmos”: comunicação, identidade e protagonismo indígena. In: 32º Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo (USP), 2023b, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2023b. Disponível em: <https://bit.ly/46LIVAq>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SEREJO-SANTOS, Hericley; COSTA, Vânia Maria Torres. O protagonismo indígena na representação discursiva sobre a pandemia da Covid-19. In: Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2022, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022b. Disponível em: <https://bit.ly/3QrWLAr>. Acesso em: 07 jun. 2023.

SEREJO-SANTOS, Hericley; COSTA, Vânia Maria Torres. Pelo reconhecimento das contribuições amazônicas ao Campo da Educomunicação. In: IX Encontro Brasileiro de Educomunicação, Campina Grande, 2022c. **Anais eletrônicos em prelo**.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, v. 1, n.2, p. 19-74, jan./mar. 1999. Disponível em: <https://bit.ly/44rzjcm>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.